



## PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE UNIVERSITÁRIOS DOS CURSOS DA SAÚDE EM TEMPOS DE COVID-19

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi identificar a prática de automedicação em estudantes universitários da área de saúde de uma instituição pública de ensino. Trata-se de uma pesquisa observacional com delineamento transversal realizada no 2.o semestre de 2023, por meio de questionário online. Os dados obtidos foram tabulados em banco de dados da planilha eletrônica Microsoft Excel® e os resultados analisados por meio de estatística descritiva. Entre os participantes (n=300), constatou-se que 98% (n=294) relataram realizar automedicação, apesar de terem conhecimento sobre os riscos de tal prática (98,3%; n=295). A cefaleia foi a queixa mais manejada por automedicação (90,3%; n=271) e a classe farmacológica mais utilizada referem-se aos analgésicos (89%; n=267). A decisão própria (65,3%; n=196) foi o principal indicador associado à automedicação e a facilidade de acesso aos fármacos (65,3%; n=196) é tida como a principal justificativa. Os resultados abrem caminhos para medidas educativas sobre o uso irracional dos medicamentos. Descritores: COVID-19, Automedicação, Universitários.

### Practice of self-medication among health sciences students during the COVID-19

**Abstract:** The objective of this study was to identify the practice of self-medication in health sciences students a public educational institution. This is an observational research with a cross-sectional design carried out in the 2nd semester of 2023, through an online questionnaire. The data obtained were tabulated in the Microsoft Excel® database and the results were analyzed using descriptive statistics. Among the participants (n=300), it was found that 98% (n=294) reported self-medication, despite being aware of the risks of such practice (98.3%; n=295). Headache was the complaint most commonly managed by self-medication (90.3%; n=271) and the most commonly used pharmacological classes were analgesics (89%; n=267). Self-decision (65.3%; n=196) was the main indicator associated with self-medication, and ease of access to drugs (65.3%; n=196) is considered the main justification. The results open the way for educational measures on the irrational use of medicines. Descriptors: COVID-19, Self-medication, University Students.

### Perfil de la automedicación en estudiantes universitarios de salud durante COVID-19

**Resumen:** El objetivo de este estudio fue identificar la práctica de la automedicación en estudiantes universitarios del área de la salud de una institución educativa pública. Se trata de una investigación observacional con diseño transversal realizada en el 2º semestre de 2023, a través de un cuestionario online. Los datos obtenidos se tabularon en la base de datos de hojas de cálculo de Microsoft Excel® y los resultados se analizaron mediante estadística descriptiva. Entre los participantes (n=300), se encontró que el 98% (n=294) reportó automedicación, a pesar de ser conscientes de los riesgos de esa práctica (98,3%; n=295). La cefalea fue la queja más manejada por la automedicación (90,3%; n=271) y la clase farmacológica más utilizada fueron los analgésicos (89%; n=267). La autodecisión (65,3%; n=196) fue el principal indicador asociado a la automedicación, y la facilidad de acceso a los medicamentos (65,3%; n=196) se considera la principal justificación. Los resultados abren el camino para la adopción de medidas educativas sobre el uso irracional de los medicamentos. Descriptores: COVID-19, Automedicación, Estudiantes Universitarios.

#### Rebeca Vitória Simões de Alcântara

Graduanda em Medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil.

E-mail: [rvsda.med19@uea.edu.br](mailto:rvsda.med19@uea.edu.br)

#### Fernanda de Paula Siridó Marques

Graduanda em Medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil.

E-mail: [fdpsm.med19@uea.edu.br](mailto:fdpsm.med19@uea.edu.br)

#### Naomi Giselle Monte Verde Bentes Gonçalves

Graduanda em Medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil.

E-mail: [ngmvgb.med20@uea.edu.br](mailto:ngmvgb.med20@uea.edu.br)

#### Romana Rubia Fernanda Taís Furtado Tonete

Graduanda em Medicina da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil.

E-mail: [rrftf.med18@uea.edu.br](mailto:rrftf.med18@uea.edu.br)

#### Márcio Luís Lombardi Martinez

Professor Associado da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil.

E-mail: [mmartinez@uea.edu.br](mailto:mmartinez@uea.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5255-9007>

Submissão: 03/08/2024

Aprovação: 07/11/2024

Publicação: 01/12/2024



#### Como citar este artigo:

Alcântara RVS, Marques FPS, Gonçalves NGMVB, Tonete RRFTF, Martinez MLL. Perfil da automedicação entre universitários dos cursos da saúde em tempos de COVID-19. São Paulo: Rev Remecs. 2024; 9(15):216-225. DOI: <https://doi.org/10.24281/remecs2024.9.15.216225>

## Introdução

A automedicação, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), “é caracterizada pela autosseleção e autoadministração de medicamentos para tratar doenças ou condições autodiagnosticadas”<sup>1</sup>. Essa prática é considerada um dos principais aspectos fundamentais do autocuidado e é um comportamento comum a diversas populações e culturas; porém, o uso abusivo dos medicamentos via automedicação torna-se um problema de saúde pública<sup>2,3</sup>. No Brasil, oitenta milhões de pessoas optam pela automedicação, expondo-se, de tal forma, a riscos como reações adversas, intoxicações por medicamentos, interações medicamentosas, falhas terapêuticas e erros de medicação<sup>4,5</sup>.

Fatores determinantes na prática da automedicação, incluem falta de acesso ao serviço de saúde, elevado custo das consultas médicas, facilidade na compra de medicamentos sem receita, medo do agravamento da queixa, propaganda excessiva nos meios de comunicação de massa e acesso rápido às informações sobre medicamentos na internet que não relatam os riscos advindos no consumo desses produtos<sup>6,7</sup>.

A prática da automedicação, não é diferente no público universitário. Diversos estudos demonstraram altas taxas de automedicação entre universitários de diferentes cursos da área de saúde<sup>3,5,8</sup>. O efeito estressor de estar no ensino superior com alta carga horária de estudos e de demandas também pode favorecer o adoecimento físico e mental dos universitários, acarretando a busca por medicamentos de fácil acesso, ou mesmo a autoconfiança advinda do conhecimento adquirido durante a Graduação, o contato direto com profissionais da área da saúde e,

até mesmo a falta de tempo para procurar assistência médica são fatores apontados diretamente à essa prática<sup>9-11</sup>.

Outrossim, a prática da automedicação entre a população mundial aumentou consideravelmente durante a pandemia de COVID-19, caracterizada como uma infecção que afeta o trato respiratório, causando a síndrome respiratória aguda grave 2 (SARSCoV-2), tendo em vista o medo que causou na população<sup>6,12</sup>.

A prescrição e o uso de medicamentos *off-label* para tratar ou prevenir a COVID-19 recebeu grande credibilidade, tendo seu uso fortemente incentivado nas mídias sociais tanto por pessoas leigas, quanto por profissionais médicos e autoridades públicas os quais reproduziram o discurso incentivando a administração do “Kit” como protocolo terapêutico<sup>6,13</sup>.

A desinformação e o uso de medicamentos *off-label*, pode desencadear graves efeitos indesejáveis, interações medicamentosas, enfermidades iatrogênicas e mascaramento de doenças evolutivas, além da ampliação de custos para o paciente e para o sistema de saúde<sup>2,6</sup>. Portanto, a automedicação frente à pandemia da COVID-19 e em outras situações é uma realidade, podendo trazer consequências negativas para os indivíduos que fazem uso dessa prática<sup>2,6</sup>.

Diante disso, entender a prevalência da automedicação em estudantes universitários pode servir como subsídio para a aplicação e desenvolvimento de futuros estudos de intervenções, principalmente entre estudantes universitários, e aliando-se ao fato de que no Brasil, em especial na região Norte, existem poucas pesquisas sobre essa temática, o presente estudo justifica a sua relevância.

Para tanto, o presente estudo possui o objetivo de identificar a prática de automedicação em

estudantes universitários da área de saúde de uma instituição pública de ensino, bem como a incidência e o aumento da prática durante a pandemia de COVID-19 nesse público-alvo.

## Objetivo

Identificar a prática de automedicação em estudantes universitários da área de saúde de uma instituição pública de ensino, bem como a incidência e o aumento da prática durante a pandemia de COVID-19 nesse público-alvo.

## Material e Método

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, realizado com 300 estudantes dos cursos de Enfermagem, Medicina e Odontologia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A pesquisa ocorreu em conformidade com as Diretrizes e Normas Regulamentadas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde, dispostas na Resolução nº 466/2012, sendo submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado do Amazonas, e aprovado sob parecer número 5.562.427 e do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 59000722.8.0000.5016.

A população-alvo incluiu estudantes de três cursos da área da saúde do Campus. Para o cálculo do tamanho da amostra foi considerado um intervalo de confiança (IC) de 95%, sendo a margem de erro de 5%. Assim, participaram da pesquisa 300 universitários durante o período de agosto a dezembro de 2023. Os participantes foram selecionados mediante amostragem consecutiva e abordados por meio de um convite enviado para seus endereços de e-mails por intermédio das Secretarias Acadêmicas de cada curso.

Foram incluídos estudantes regularmente matriculados em um dos três cursos superiores oferecidos pela instituição, cursando do 5º ao 8º período, de ambos os sexos, a partir dos 18 anos de idade e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos do estudo os universitários que não responderam ao questionário até a data estipulada.

Para alcançar os objetivos propostos, aplicou-se um questionário digital transposto no programa Google Forms, composto por quatorze questões fechadas. Entre os itens abordados nas perguntas fechadas, estavam:

- 1) Idade; 2) Curso; 3) Período; 4) Estado Civil; 5) Renda familiar mensal;
- 6) Você tem o costume de consumir algum tipo de medicamento sem prescrição médica/ odontológica?;
- 7) Em caso afirmativo, qual a frequência de automedicação no período anterior e durante a pandemia?;
- 8) Você foi influenciado por alguém para se automedicar?;
- 9) Em caso afirmativo, quem o influenciou para a prática da automedicação?;
- 10) Quais foram os medicamentos utilizados por automedicação durante a pandemia?;
- 11) Quais os principais fatores que facilitaram a prática da automedicação?;
- 12) Quais as principais queixas tratadas pela prática da automedicação?;
- 13) Você reconhece os riscos da automedicação?;
- 14) Em caso afirmativo, qual a percepção sobre os riscos da automedicação. Antes da aplicação do instrumento para a coleta de dados, foi apresentado um 'questionário piloto', em que vinte universitários validaram a sua legibilidade, cujos dados não foram considerados na pesquisa.

As variáveis foram apresentadas como frequências absolutas (n) e relativas (%). Os dados obtidos foram tabulados e arquivados em banco de

dados construído em planilha eletrônica (Microsoft Excel®). Os resultados foram expressos e analisados por meio de estatística descritiva.

## Resultados

Participaram do estudo 300 estudantes, a maioria do sexo feminino (56,7%; n=170), com idade entre 21

e 23 anos (67%; n=201), do curso de Medicina (54%; n=162), matriculados no 5.º período (57%; n=171), estado civil solteiro (89%; n=267) e renda familiar de três a cinco salários mínimos (57,3%; n=172), conforme pode ser observado na Tabela 1.

**Tabela 1.** Distribuição das características sociodemográficas da amostra (n=300).

Variáveis	Frequência (N)	%
<b>Sexo</b>		
Feminino	170	56,7
Masculino	130	43,3
<b>Faixa Etária (anos)</b>		
18-20	31	10,3
21-23	201	67
24-26	56	18,7
27-30	7	2,3
>30	5	1,7
<b>Cursos</b>		
Enfermagem	67	22,3
Medicina	162	54
Odontologia	71	23,7
<b>Período</b>		
5.º	171	57
6.º	48	16
7.º	54	18
8.º	27	9
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro	267	89
Casado	21	7
União estável	12	4
<b>Renda Familiar Mensal*</b>		
1 a 3 salários mínimos	79	26,3
3 a 5 salários mínimos	172	57,3
Mais de 5 salários mínimos	49	16,4

\*Salário mínimo vigente a época do estudo = R\$ 1.212,00.

Nos dados expostos na Tabela 2, evidencia-se quanto à prática da automedicação entre estudantes dos cursos de saúde, que a maior parte deles afirma se automedicar no dia a dia, representado por 294 participantes (98%), sendo essa prática no período anterior a pandemia realizada todos os dias (5,3%; n=16), uma vez na semana (32,4%; n=97), uma vez ao mês (36%; n=108) e poucas vezes ao ano (24,3%; n=73). Já quanto questionados sobre a prática da automedicação durante a pandemia, os alunos descreveram praticá-la todos os dias (14,9%; n=45), uma vez na semana (22,8%; n=68), uma vez ao mês (28%; n=84) e poucas vezes ao ano (32,3%; n=97).

**Tabela 2.** Frequência da automedicação na amostra estudada (n=300).

Variáveis	Frequência (N)	%
<b>No Dia a Dia Você se Automedica?</b>		
Sim	294	98%
Não	6	2%
<b>Com Que Frequência Praticou Medicação Antes da Pandemia?</b>		
Todos os dias	16	5,3
Uma vez na semana	97	32,4
Uma vez no mês	108	36
Poucas vezes ao ano	73	24,3
Não se aplica	6	2
<b>Com Que Frequência Praticou Medicação Durante a Pandemia?</b>		
Todos os dias	45	14,9
Uma vez na semana	68	22,8
Uma vez no mês	84	28
Poucas vezes ao ano	97	32,3
Não se aplica	6	2

Conforme os dados descritos na Tabela 3, a maioria dos estudantes não foi influenciada para o consumo (65,3%; n=196). Não obstante, dados também apontam para decisão orientada por amigos ou familiares (25,7%; n=77) e profissionais de saúde (7%; n=21). Ainda, no que tange o conhecimento da prática da automedicação, a maioria verbalizou conhecer os riscos (98,3%; n=295) e que entende que essa prática pode apresentar riscos à saúde e por isso tenta praticá-la de forma responsável (82,4%; n=247) (Tabela 3).

**Tabela 3.** Frequência da automedicação e percepção sobre os riscos da automedicação na amostra estudada (n=300).

Variáveis	Frequência (N)	%
<b>Foi Influenciado por Alguém para seu Automedicar?</b>		
Sim	98	32,7
Não	196	65,3
Não se aplica	6	2
<b>Quem o Influenciou para a Prática de Automedicação?</b>		
Amigos ou familiares	77	25,7
Profissionais de saúde	21	7
Decisão própria	196	65,3
Não se aplica	6	2
<b>Você Reconhece os Riscos da Automedicação?</b>		
Sim	295	98,3
Não	5	1,7
<b>Qual a sua Percepção Sobre os Riscos da Automedicação?</b>		
Prática segura e livre de riscos à saúde	5	1,6
Pode apresentar riscos à saúde, mas não dignos de preocupação	42	14
Pode apresentar riscos à saúde, e tenta praticá-la de forma responsável	247	82,4
Pode apresentar riscos à saúde, por isso não estimula e tenta não praticar	6	2

Dentre os fatores que facilitaram a prática da automedicação, os participantes apontaram a disponibilidade do medicamento em casa (28,3%; n=85), facilidade de compra na farmácia (65,3%; n=196), experiência prévia com o medicamento (57,3%; n=172) e falta de acesso aos serviços de saúde (26,3%; n=79) (Tabela 4). No que diz respeito

às principais queixas tratadas pela prática de automedicação, tem-se a cefaleia (90,3%; n=271), infecção (70%; n=210), dor muscular (56,3%; n=169), alergia (52%; n=156), cólica (53%; n=159) e dor de estômago (40,3%; n=121) (Tabela 4).

**Tabela 4.** Fatores que influenciam a prática da automedicação e principais pela prática de automedicação na amostra estudada (n=300).

Variáveis	Frequência (N)	%
<b>Quais os Principais Fatores que Facilitaram a Prática da Automedicação?</b>		
Disponibilidade de medicamentos em casa	85	28,3
Facilidade de compra na farmácia	196	65,3
Experiência prévia com o medicamento	172	57,3
Falta de acesso aos serviços de saúde	79	26,3
<b>Quais as Principais Queixas Tratadas pela Prática da Automedicação?</b>		
Cefaleia	271	90,3
Infecção	210	70
Dor muscular	169	56,3
Alergia	153	51
Cólica	159	53
Dor no estômago	121	40,3

Quanto aos principais medicamentos utilizados destacam-se os analgésicos (89%; n=186), anti-inflamatórios (81,3%; n=244), antigripais (66%; n=198), vitaminas (62%; n=186), relaxantes musculares (56%; n=168), descongestionantes nasais (51%; n=153), anti-histamínicos (50,7%; n=152), antiácidos (38,3%; n=115) e antibióticos (22,7%; n=68) (Tabela 5).

**Tabela 5.** Principais medicamentos utilizados na prática de automedicação na amostra estudada (n =300).

Variáveis	Frequência (N)	%
<b>Principais Medicamentos Utilizados</b>		
Analgésicos	267	89
Anti-inflamatórios	244	81,3
Antigripais	198	66
Vitaminas	186	62
Relaxantes musculares	168	56
Descongestionantes nasais	153	51
Anti-histamínicos	152	50,7
Antiácidos	115	38,3
Antibióticos	68	22,7

## Discussão

A automedicação é uma prática bastante comum no mundo todo, considerada como o uso de medicamentos por iniciativa própria para tratar problemas de saúde auto reconhecido<sup>4,6</sup>. Neste contexto, a prática da automedicação tem sido amplamente estudada em diferentes países e grupos populacionais, uma vez que pode mascarar sinais e sintomas importantes, agravando o quadro clínico do

paciente e levando a uma recomendação terapêutica equivocada que ocasiona transtornos mais graves que a doença inicial<sup>2,7</sup>.

Foi observada alta prevalência de universitários associada a prática de automedicação, isto é, o consumo medicamento sem prescrição médica e/ou odontológica, o que corrobora os achados de outros estudos<sup>8-10</sup>. Esse achado pode estar relacionado à realidade em que o aluno está inserido. A

autoconfiança pela crença de que o conhecimento adquirido sobre o mecanismo de ação dos fármacos sustenta a sua seleção correta, acende um alerta, visto que estudantes da área da saúde supostamente, deveriam ter maior cuidado na automedicação, ou seja, não deveriam se automedicação<sup>8-10</sup>.

Contudo, não é o que nos mostram os achados deste estudo. Estudos anteriores confirmam que essa não é uma realidade nesses universitários, ressaltando que hábitos da automedicação estão presentes nos estudantes da área da saúde<sup>9,14</sup>. Os acadêmicos da área da saúde promovem os cuidados, porém, por vezes, negligenciam a sua própria saúde<sup>15</sup>.

Em síntese, os graduandos da área da saúde tendem a praticar a automedicação mesmo lendo a bula do medicamento, conhecendo sobre os efeitos adversos e o risco de intoxicação medicamentosa<sup>16</sup>. Nesse sentido, é possível inferir a necessidade de ações institucionais nas universidades que promovam o uso e a indicação racional de medicamentos, pois, por serem futuros profissionais de saúde que estarão à frente dos cuidados com a saúde.

A amostra em sua maioria era composta por estudantes do sexo feminino, o que se assemelha ao encontrado em estudo prévio, que aponta para maior presença das mulheres nos cursos superiores o que pode estar associado a maior procura pela capacitação, tendo em vista a conquista e a manutenção de espaço no mercado profissional e o fato de que as mulheres geralmente demonstram maior preocupação e cuidado com a saúde<sup>8</sup>. Desta forma, a prática de automedicação pode em parte estar relacionada ao fato de se exporem mais aos fármacos ao longo de todas as fases de sua vida<sup>8</sup>.

Constatou-se, também, que a faixa etária de maior participação foi de 21 a 23 anos, resultado semelhante ao encontrado por Pismel et al., no qual a faixa etária predominante foi entre 20 e 24 anos<sup>17</sup>. Tal fato pode estar relacionado com a inserção destes no Ensino Superior logo após a conclusão no Ensino Médio. Ainda, o consumo de medicamentos sem prescrição médica no público jovem pode ser correlacionado com a busca rápida para tratar os efeitos e prevenir doenças decorrentes da má alimentação, sono e estresse vivenciados na rotina acadêmica<sup>18,19</sup>.

Quanto à renda familiar, um estudo realizado por Porto et al., descreve que a renda familiar predominante dos pesquisados (35%) foi equivalente a dois salários mínimos, enquanto na população estudada a renda familiar da maioria é entre três a cinco salários mínimos, o que pode indicar que a prática da automedicação é independente do poder aquisitivo, ainda que esteja associada a facilidade de acesso aos fármacos ou indisponibilidade de consultas médicas<sup>20</sup>.

No que diz respeito à influência na automedicação, nossos resultados estão em concordância com o descrito por Pismel et al., em que a maioria dos estudantes não foi influenciado para a prática, o que pode estar associado ao fato serem estudantes da área da saúde e detentores de maiores informações e conhecimentos<sup>17</sup>.

As principais classes farmacológicas utilizadas pelos estudantes na prática da automedicação foram os analgésicos e anti-inflamatórios, seguidos dos antigripais, vitaminas e relaxantes musculares. Tais resultados também estão em concordância com estudos anteriores em que as classes mais utilizadas

foram os analgésicos e antitérmicos, seguidos dos anti-inflamatórios e antialérgicos. Esses medicamentos considerados de venda livre são adquiridos sem necessidade de prescrição médica, e compõem o rol de opções de tratamento na automedicação<sup>21</sup>.

O baixo custo, a facilidade no acesso aos medicamentos nas farmácias, a disponibilidade dessas classes no estoque domiciliar, bem como o fato de terem ação paliativa associada ao tratamento de problemas menores de saúde, como dores em geral, alergias, ferimentos leves, sem a necessidade de procurar uma unidade de saúde quando utilizados para o alívio de dores, são facilitadores para a prática de automedicação. Do mesmo modo, a propaganda em massa contribui na prática da automedicação, pois tende a influenciar a população a procurar assistência médica apenas em casos em que os sintomas persistirem, minimizando os riscos advindos do consumo destes produtos<sup>3,17</sup>.

Em geral, as dores foram o principal fator desencadeante para que os universitários praticassem a automedicação, corroborando com outros estudos<sup>22,23</sup>. Tal achado sugere que o hábito da automedicação entre os participantes investigados condiz com as queixas mais frequentes. O contato direto com pacientes em tratamento com determinado medicamento, experiências anteriores bem-sucedidas, rotina diária, associada ao desgaste físico e psicológico em virtude de longas horas de estudo e responsabilidades acadêmicas, principalmente por se tratar de cursos com carga horária integral, que impõem situações de estresse e comprometimento do sono, são fatores que podem estar associados à prática de automedicação<sup>24,25</sup>.

A prática da automedicação, nos dois momentos avaliados, antes e durante a pandemia mostrou-se presente. Houve aumento de tal prática no uso diário de medicamentos durante a pandemia. De acordo com estudos anteriores, os participantes relataram ter evitado ir a consultas médicas com medo de contágio com a doença, constatando, assim, a pandemia como um fator que pode levar à prática da automedicação<sup>13,14</sup>.

Adicionalmente, é importante ressaltar que em consonância com os resultados dessa pesquisa, estudos realizados com universitários de cursos de saúde descrevem que a maioria afirmou ter conhecimento dos riscos da prática da automedicação à saúde, por isso visam praticá-la de forma responsável<sup>24,25</sup>.

### **Limitações**

As limitações do estudo estão relacionadas a análises baseadas em um questionário online, o que permitiu a seleção de relatos excessivos ou insuficientes. O período em que a pesquisa foi realizada também pode ter subestimado o uso de alguns medicamentos, principalmente aqueles associados ao uso para prevenir e tratar a Covid-19, delimitando nossos resultados.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, a prática da automedicação é prevalente entre os universitários de 21 a 23 anos, sexo feminino, solteiras com renda familiar de três a cinco salários mínimos. A cefaleia foi o principal sintoma que levou à prática da automedicação, o que justifica a utilização frequente dos analgésicos, atrelada à facilidade de acesso nas farmácias e drogarias.

Foi possível observar que a prática de automedicação por parte dos acadêmicos da área da saúde durante a pandemia de COVID-19 se fez presente e que a maioria reconhece os riscos e por isso tenta praticá-la de forma responsável e assim podemos considerar que a maior influência para a automedicação pode ocorrer devido à segurança em ser acadêmico de curso superior em saúde, principalmente do curso de Medicina.

A prática da automedicação é conveniente ao oferecer maior independência ao indivíduo, possibilita acesso rápido e direto ao tratamento, um papel ativo em seu autocuidado em saúde e demonstra-se como uma oportunidade educacional em questões específicas em saúde.

Entretanto, a escolha de um medicamento, ainda aqueles que são isentos de prescrição (MIPs), por uma pessoa que não possui conhecimento especializado pode representar diversos riscos que incluem a escolha incorreta da terapia, posologia inadequada, incapacidade de reconhecer a extensão dos efeitos adversos, contraindicações e interações medicamentosas, ainda pode mascarar sintomas e atrasar diagnóstico de determinadas doenças.

Assim, fazem-se necessárias a reflexão e a criticidade no uso de fontes de informações visando à prevenção e tratamento de problemas e agravos à saúde com a automedicação. A conscientização dos estudantes dos cursos da saúde sobre a automedicação, fatores que influenciam, perigos e custos para o sistema de saúde, individual ou coletivo, devem ser explorados na Graduação.

Nesse sentido, sugere-se que as instituições de ensino implementem em sua programação ações que

possam levar a conscientização através de atividades educativas voltadas aos estudantes, para que resulte no abandono do uso indiscriminado de medicamentos.

Os resultados desta pesquisa permitem às instituições de ensino considerarem a importância do fortalecimento de medidas educativas que avaliem a relevância do conhecimento de universitários sobre os medicamentos.

## Referências

1. OMS. Organização Mundial da Saúde (World Health Organization). The Role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands, 26-28 Aug. 1998 [Internet]. 1998. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>. Acesso em: 19 abr. 2023.
2. Branco LL, Lobato MYF, Borges JFT, Oliveira RCS. Self-Medication During the COVID-19 Pandemic and Associated Factors. Research, Society and Development. 2023; 12(2):e11212239924.
3. Querino JJ, Rocha CE. Perfil da automedicação entre universitários dos cursos da saúde no nordeste brasileiro. Rev Contexto & Saúde. 2023; 23(47):e13151.
4. Buozi IC, Silva VCC, Bertasso RB, Carvalho RO, Ribeiro LF, Santana COP, Linhares EOS. Riscos da automedicação em idosos. Brazilian Journal of Development. 2023; 9(6):1931519326.
5. Cecilio SG, et al. Impacto da Covid-19 na prática de automedicação em estudantes universitários. Trabalho, Educação e Saúde. 2024; 22:e02368235.
6. Pitta MGR, Lima LP, Carvalho JS, Teixeira DRC, Nunes TRS, Moura JAS, et al. Análise do perfil de automedicação em tempos de Covid-19 no Brasil. Research, Society and Development. 2021; 10(11):e28101119296.
7. Melo JRR, et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da Covid-19. Cadernos de Saúde Pública. 2021; 37(4):e00053221

8. Lima PA, Costa RD, Silva MP, Souza Filho ZA, Souza LP, Fernandes TG, et al. Automedicação entre estudantes de graduação do interior do Amazonas. *Acta Paul Enferm.* 2022; 35:eAPE039000134.
9. Tognoli TA, Tavares VO, Ramos APD, Batigália F, Godoy JMP, Ramos, RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis - São Paulo. *J Health Biol Sci.* 2019; 7(4):382-386.
10. Freitas VP, Marques MS, Duarte SF. Automedicação em Universitários do curso de Graduação da área de Saúde em uma Instituição de Ensino Superior Privada em Vitória da Conquista. *Rev Mult Psic Interd.* 2017; 11(39):25-37.
11. Xavier MS, Castro HN, Souza LGD, Oliveira YSL, Tafuri NF, et al. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura. 2021; 4(1):225–240.
12. Costa RSL, Galdino ACA, Macedo GS, Hernandez MTF, Lima AG. Prática da automedicação entre acadêmicos de enfermagem durante a pandemia de covid-19. *Rev Enferm Contemp.* 2022; 11:e4725.
13. Guimarães AF, Barbosa VL, Silva MP, Portugal JK, Reis MH, Gama AS. Acesso a serviços de saúde por ribeirinhos de um município no interior do Estado do Amazonas, Brasil. *Rev Pan-Amaz.* 2020; 11:e202000178.
14. Yasmin F, Asghar MS, Naeem U, Najeeb H, Nauman H, Ahsan MN, et al. Self-medication practices in medical students during the Covid-19 pandemic: a cross-sectional analysis. *Frontiers in Public Health.* 2022; 9(10):803937.
15. Alencar APL, Holanda PL, Junior ERO. O uso de antidepressivos e ansiolíticos por acadêmicos dos cursos da saúde: em uma visão farmacêutica. *Rev Cient FacMais.* 2022; 9(1):1-19.
16. Oliveira AB, Santos JA, Lisboa HCF. Avaliação do conhecimento e conduta dos acadêmicos da área da saúde sobre o uso de medicamentos. *Multitemas.* 2019; 24(57):2-38.
17. Pismel IS, Montalvão WCR, Silva AR, Oliveira NP, Argentino S. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade pública do sudeste do Pará. *Brazilian Journal of Health Review.* 2021; 4(2):5034-5050.
18. Santos TS, et al. Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior. *Sci Plena.* 2018; 14(7):1-9.
19. Filler LN, et al. Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática da automedicação. *Psicol Saúde em Debate.* 2020; 6(2):415-429.
20. Porto TNR, et al. Automedicação induzida pelos fatores midiáticos: uma abordagem no ambiente acadêmico. *Rev Eletr Acervo Saúde.* 2020; (41):1-9.
21. Valério MCJ, Morretes M. Perfil do consumo de medicamentos por graduandos em uma universidade do Planalto Norte Catarinense. *Saúde e Meio Ambiente: Rev Interdisciplinar.* 2020; 9:299-310.
22. Willmann SC, Souza DR, Leal JC, Rodrigues LS, Pinheiro PLL, Lino RM, et al. Self-medication among university students in the area of the health. *Research, Society and Development.* 2023; 12(6):e1312641814.
23. Figueiredo FR, et al. Automedicação: a prática entre discentes do curso de biomedicina de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Tocantins. *Amaz Sci Heal.* 2020; 8(3):20-35.
24. Filler LN, et al. Caracterização de uma amostra de jovens e adultos em relação à prática da automedicação. *Psicol e Saúde em Debate.* 2020; 6(2):415-429.
25. Dias AC, Carlotto RC, Oliveira CT, Teixeira MA. Dificuldades percebidas na transição para a universidade. *Rev Bras Orientação Profissional.* 2019; 20(1):19-30.